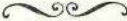


simpatia e compreensão? — refletia a senhora Serpa, incapaz de esconder o agradável assombro que a dominava.

O intervalo consumiu segundos inquietantes para os dois, enquanto o crepúsculo, em derredor, acumulava cores e sombras, anunciando a noite próxima.



3

Ajuste amigo

Fantini percebeu que a interlocutora havia sido sulcada mentalmente pelo olhar que lhe endereçara e dispôs-se a tranquilizá-la:

— Continuemos, Dona Evelina. Minha presença não lhe fará mal. Observe-me, não direi com a sua gentileza, mas sim com o seu discernimento. Sou um velho enfermo que pode ser seu pai e acredite que a vejo como filha...

A voz dele esmoreceu, de algum modo, entretanto cobrou ânimo e terminou:

— A filha que estimaria possuir, em lugar da que tenho.

Evelina adivinhou o sofrimento moral que as palavras dele destilavam e reajustou a posição emotiva, sentenciando:

— O senhor não se alegraria com uma filha doente qual estou. Mas... voltemos ao meu caso, o caso da confissão.

— Não me conte tristezas...

— Certo. Já não dispomos de muito tempo.

E continuou com um sorriso de mofa:

— Conversando com tanta franqueza, num lugar que talvez seja a antecâmara da morte para um de nós dois, desejo dizer-lhe que só um fato me perturba. Tenho as desilusões comuns a qualquer pessoa. Meu pai morreu, quando eu mal completara dois anos; minha mãe, então viúva, deu-me um padrasto, algum tempo

depois; ainda na infância, fui internada num colégio de religiosas amigas e, depois disso tudo, casei-me para ter um marido diferente daquele que eu sonhava... No meio do romance, uma tragédia... Um homem, um rapaz digno, aniquilou-se por minha causa, seis meses antes do meu casamento. Precedendo o ato que lhe impôs a morte, tentou o suicídio ao ver-se posto à margem. Compadecei-me. Busquei reaproximar-me, ao menos para consolá-lo, e, quando meu sentimento balançava entre o pobre moço e o homem que desposi, ei-lo que se despede da vida com um tiro no coração... Desde aí, qualquer felicidade para mim é uma luz misturada de sombra. Embora o imenso amor que consagro a meu marido, nem mesmo a condição de mãe consegui. Vivo doente, frustrada, abatida...

— Ora, ora! — aventou Ernesto, diligenciando encontrar uma escapatória otimista — não se julgue culpada. Não fôsse supostamente por si e o moço agiria de igual modo por outro móvel. O impulso suicida, tanto quanto o impulso criminoso...

A voz dele empalideceu de novo, qual se o íntimo recusasse certas reminiscências que as palavras em curso lhe suscitavam à memória; contudo, dando a ideia de quem agia fortemente contra si mesmo, prosseguiu:

— São incógnitas da alma. Talvez sejam ápices de doenças psíquicas, demoradamente mantidas no espírito. O suicídio e o crime são de temer em qualquer de nós, porque são atos de delírio, que fundos processos de corrosão mental determinam em qualquer um.

— O senhor procura apaziguar-me com a sua nobreza de coração — exclamou Evelina, cismativa —, decerto não conheceu, até hoje, um problema assim agudo, a conturbar-lhe a consciência.

— Eu? eu? — gaguejou Fantini, desconcertado —, não me faça voltar ao passado, pelo amor de Deus!... Já cometi muitos erros, sofri muitos enganoses...

E, no objetivo de contornar a questão sem escarpá-la, Ernesto sorriu à força, com a maleabilidade das pessoas maduras, que sabem usar várias máscaras fisiológicas, para determinados efeitos psicológicos, e aditou:

— Não conseguiu, porventura, esquecer o moço suicida, com apoio no confessional? O seu diretor espiritual não lhe sossegou o coração sensível e afetuoso?

— Repito que sempre encontrei na confissão de meus erros menores uma espécie de vacina moral contra erros maiores; entretanto, no caso em apreço, não obtive a paz que desejava. Admito que se não houvesse hesitado, tanto tempo, entre dois homens, teria evitado o desastre. Basta me lembre de Túlio, o infeliz, para que o quadro da morte dele se me reavive na lembrança e, com a lembrança, surge, de imediato, o complexo de culpa...

— Não se agaste. A senhora está muito jovem. Como acontece à mão que, a pouco e pouco, se caleja no trabalho do campo, a sensibilidade também se enrijece com o sofrimento na vida. Certamente, se escaparmos, com êxito, no salto que pretendemos dar para a saúde, ainda veremos muitos suicídios, muitas decepções, muitas calamidades...

A senhora Serpa refletiu alguns momentos e, dando a impressão de quem se propunha ganhar ensejo para balsamizar feridas íntimas, indagou com intenção:

— O senhor, que vem estudando as ciências da alma, acredita piamente que reencontraremos as pessoas queridas, depois da morte?

Fantini estampou um gesto de complacência e divagou:

— Não sei porque, mas, à frente de sua inquirição, veio-me a cabeça aquele pensamento do velho Shakespeare: «Os infelizes não possuem outro medicamento que não seja a esperança». Tenho boas razões para crer que nos reveremos uns aos outros, quando não mais esti-

veremos neste mundo; todavia, compreendo que a precariedade do meu estado orgânico é o agente fixador de semelhante convicção. A senhora já notou que as ideias e as palavras são filhas das circunstâncias? Imagine se nos vissemos hoje em plenitude da força física, robustos e bem apessoados, num encontro social, num baile por exemplo... Qualquer conceito, em torno dos assuntos que nos aproximam agora um do outro, seria imediatamente banido de nossas cogitações.

— É verdade.

— A moléstia aflitiva nos dá direito de entretecer novos recursos e novas interpretações, ao redor da vida e da morte, e, na esfera das novas conclusões que temos à frente, admito que a existência não acaba no túmulo. Estamos intimados a recordar aquela antiga ilação das novelas de amor, «o romance termina, mas a vida continua...» O envoltório de carne tombará consumido; todavia, o Espírito seguirá adiante, sempre adiante...

— O senhor costuma pensar em alguém que estimaria achar na *outra vida*?

Ele mostrou enigmático sorriso e zombeteou:

— Penso em alguém que estimaria não achar.

— Não consigo entender o trocadilho. Apesar disso, reconforta-me anotar a certeza com que me fala, acerca do futuro.

— A senhora não pode e nem deve perder a confiança no porvir. Lembre-se de que é, sobretudo, cristã, discípula de um Mestre que ressurgiu da campa, ao terceiro dia, depois da morte.

A senhora Serpa não sorriu. O olhar divagou, além, nas nuvens róseas que refletiam o Sol já distante, reconhecendo-se talvez sacudida nas forças profundas de sua fé por aquela inesperada observação.

Findo o longo intervalo, voltou a fitar o interlocutor e preparou a despedida:

— Bem, senhor Fantini, se houver *outra vida*, além

desta, e se for a vontade de Deus que venhamos a sofrer, em breve, a *grande mudança*, creio que nos veremos de novo e seremos *lá* bons amigos...

— Como não? se conseguir adivinhar o fim de meu corpo, conservarei firme o pensamento positivo do nosso reencontro.

— Também eu.

— Quando volta a São Paulo?

— Amanhã pela manhã.

— Tem ocasião marcada para o trabalho operatório?

— Meu marido decidirá isso com o médico; no entanto, creio que, na semana vindoura, enfrentarei o problema. E o senhor?

— Não estou certo. Questão de mais alguns poucos dias. Não desejo retardar a intervenção. Posso, acaso, saber o nome do seu hospital?

Evelina meditou, meditou... E concluiu:

— Senhor Fantini, somos ambos portadores da mesma doença insidiosa e rara. Não será isso o bastante para aproximar-nos um do outro? Esperemos o futuro sem aflição. Se escaparmos do atoleiro, estou convencida de que Deus nos favorecerá com um novo encontro aqui na Terra mesmo... Se a morte vier, a nossa amizade, em *outro mundo*, ficará também subordinada aos desígnios da Providência.

Ernesto achou graça e ambos regressaram ao hotel, passo a passo, em comovido silêncio.

